

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## ESTUDOS SOBRE O TURF.

QUEIRÓS, José Martins de

Ano: 1894 | Número: 11

---

### Como citar este documento:

QUEIRÓS, José Martins de, Estudos sobre o turf. *Revista de Guimarães*, 11 (3) Jul.-Out. 1894, p. 148-158.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# ESTUDOS SOBRE O *TURF*

(Continuado da pag. 154 do volume ix)

---

## TERCEIRA PARTE

VIII

### Corridas a trote

#### Instrução do jockey e preparação do cavallo trotador

As corridas a trote, que a nosso vêr são as mais apropriadas para promover o aperfeiçoamento dos cavallos de que mais nos utilizamos, quer dizer, dos cavallos de tiro e de selim, não têm tido no geral dos paizes estrangeiros, e muito menos entre nós, o desenvolvimento e organização correspondentes á importancia que parece deveriam merecer.

As corridas planas a galope são, é certo, o meio mais proficuo de aperfeiçoar os cavallos de puro sangue, cujo principal fim é manterem, como garanhões, n'um estado de apuro mais ou menos elevado, e consoante o serviço a que se destinam, as raças indigenas d'um paiz; mas são tão violentas e tal severidade de regimen demandam, que nenhuns outros animaes, que não pertençam á familia dos cavallos corredores, as podem aguentar sem que o seu organismo se resinta, ficando por isso impossibilitados de prestarem bons serviços e sobretudo de serem bons reproductores.

Uma outra circumstancia não menos attendivel, e que tambem deve concorrer para se pôr de parte estas luctas, como

impropias para apurar as raças que não forem de puro sangue, é predisporem o organismo animal mais para o galope do que para o trote, e certamente que não é aquelle andamento de que mais uso faz um cavallo de serviço.

As corridas de obstaculos, cuja violencia e preparação não são tão grandes, conviriam de preferencia aos cavallos d'esta ultima classe, se, ainda que em menor grau, não predisposessem tambem para o galope, quando com especialidade para o serviço de trem é este andamento inteiramente rejeitado.

Por qualquer d'estas razões, senão por ambas conjunctamente, parece que as corridas a trote, que são as mais consentaneas com o andamento de que mais nos utilizamos, se deveriam organizar e vulgarisar mais, para por seu lado concorrerem para fixar e aperfeiçoar os differentes typos do cavallo de serviço, como as corridas de velocidade têm concorrido para determinar a conformação e o aperfeiçoamento do cavallo de puro sangue.

Se em verdade as corridas a trote não são attrahentes, se não despertam enthusiasmo, se não proporcionam emfim, como as luctas a galope, tanto ensejo para as especulações e para o jogo, que é o que infelizmente hoje em dia mais concorrência chama aos hippodromos, o que não padece a menor duvida é que os povos, que d'ellas mais tem cuidado, são justamente aquelles que possuem não só os mais rapidos trotadores, mas os mais elegantes e valentes cavallos de tiro e de sellim.

Nós, por exemplo, que não conhecemos estas luctas senão como simples divertimento, não temos cavallos de serviço nem trotadores em condições de satisfazerem ás exigencias dos tempos que vão correndo, isto é, fortes, velozes e aturadores, até ao ponto de poderem vencer, engatados ou montados, dezenas de kilometros em pouco tempo e sem o menor indicio de cansaço. E, se alguns apparecem, certamente que não são de procedencia portugueza, mas vindos, é claro, d'além da Mancha ou dos Pyrneos, porque em Hespanha, como em Portugal, afóra os cavallos de hippodromo, alguns dos quaes já são razoaveis, produzem-se, é verdade, bonitos e garbosos animaes, mas sem *fundo*, sem força e sem a velocidade que hoje se requer.

A Russia, Inglaterra e sobretudo os Estados-Unidos da America do Norte, que são os paizes em que as corridas a trote mais se têm desenvolvido, produzem tão bons e tão extraordinarios trotadores, que nenhuma outras nações se lhes po-

dem comparar. Os famosos cavallos russos da raça Orloff, os de Norfolk, que são n'este genero os melhores da Inglaterra, mas com especialidade os trotadores norte-americanos, que vencem trinta e mais kilometros por hora! não serão, por exemplo, uma convincente prova de que as corridas a trote não servem só de mero passatempo?

Quanto ás outras nações da Europa, que mais ou menos têm aproveitado com o uso d'estas corridas, notam-se ainda em primeiro lugar a França e a Allemanha, que contam já, e em crecido numero, animaes de tiro e de sella de uma grande nomeada. Os cavallos de Tarbes, do Hannover e do Mecklemburgo, são entre as variedades que estas nações produzem aquelles que melhor fama têm criado.

Emfim, e se effectivamente os povos d'estes paizes não devem só ás corridas a trote o aperfeiçoamento das suas raças indigenas, pois que o principal elemento de tal aperfeiçoamento tem sido os cruzamentos apropriados com o puro sangue arabe e inglez, não é menos certo que ao exercicio do trote é que os animaes cruzados devem a sua robustez, o desenvolvimento muscular, a resistencia ás fadigas e a velocidade.

O cruzamento das raças indigenas com o puro sangue arabe e inglez tambem em Portugal tem dado bons resultados, que todavia melhores seriam se porventura, e a exemplo dos paizes de que vimos de fallar, nos tivessemos auxiliado das corridas a trote, porque então os productos resultantes de tão boas allianças, bem organisados por nascimento, encontrariam n'estas luctas um meio pratico de adquirir o maior desenvolvimento e robustez.

As corridas a galope, que, como vimos, são prejudiciaes a todos os animaes, que não sejam de puro sangue, conservariam estes em numero e em estado de poderem beneficiar as differentes raças portuguezas, ao passo que as corridas a trote acabariam por tonificar e dispôr o organismo dos productos cruzados para os serviços que lhes fossem mais apropriados.

Desde ha muito que as corridas de velocidade se acham instituidas entre nós; falta portanto, e para acompanharmos no seu movimento civilizador as nações que mais se têm occupado do aperfeiçoamento do cavallo de serviço, que instituamos tambem as corridas a trote, pois sem estas provas não parece muito provavel que a nossa producção equina possa attingir o grau de aperfeiçoamento que a época actual exige.

Confiando quanto possível no bom resultado d'estas luctas, quando instituidas e regulamentadas debaixo do ponto de vista pratico em que as apresentamos, vamos entretanto dizer como se devem montar e preparar os cavallos trotadores, para que durante uma corrida seriamente disputada possam desenvolver todos os seus recursos.

Para se montar um trotador de modo a desenvolver-lhe quanto possível o andamento, não ha melhor meio do que trotal-o á ingleza. O trote fixo, além de ser incommodo e fatigante para o cavallo e cavalleiro em razão do abalo que ambos soffrem por cada duas batidas que constituem cada passo de trote, paralyza o desenvolvimento do movimento progressivo fazendo perder immenso terreno ao animal. E se por um lado se pôde attenuar o choque ou reacções, que resultam d'este systema de trotar, inclinando-se o cavalleiro para traz, por outro lado vai esta posição não só contrariar o esforço do terço posterior do animal, mas determinar o recuo das forças da gravidade — o que, em qualquer dos casos, faz diminuir a velocidade do andamento.

No trote á ingleza, quando o cavalleiro se inclina ligeiramente para diante e se levanta um pouco sobre os estribos, ganhando em seguida e suavemente o sellim a cada apoio dos bipedes diagonaes, não só não ha reacções, mas a resultante das forças da gravidade, avançando successivamente a cada projecção dos membros do animal nem paralyza o movimento, ao passo que força as mãos a estenderem-se quanto podem para abranger maior espaço de terreno — d'onde resulta um trote extraordinariamente largo e veloz. Por isso repetiremos: que para se *rasgar* bem um cavallo a trote é preciso trotal-o segundo o systema inglez. Demais, a experiencia mostra claramente que, quando se dá uma lucta entre trotadores montados pelos dois systemas, a victoria cabe sempre áquelles que são montados á ingleza.

Para trotar n'um cavallo á ingleza é indispensavel que o cavalleiro não só se levante um pouco e se incline ligeiramente para diante, firmando-se nos joelhos e nos estribos, mas que acompanhe n'esta posição o movimento progressivo de um dos bipedes diagonaes, de modo a baixar suavemente sobre o sellim no momento em que este mesmo bipede fizer o seu apoio sobre o terreno e assim successivamente. De fórma que, para trotar sobre o bipede diagonal direito, por exemplo, deverá o cavalleiro levantar-se sobre os estribos quando o cavallo levantar a mão direita seguindo n'esta posição o mo-

vimento do bipede diagonal direito e baixando sobre o sellim ao apoio da mesma mão e assim por diante. O trote sobre o bipede diagonal esquerdo obtem-se empregando os meios inversos. Desde que um cavalleiro dispõe de tacto sufficiente, para sentir os movimentos do seu cavallo, tão facil lhe será trotar sobre este ou aquelle bipede, como mudar d'um para o outro quando assim lhe aprouver.

A grande difficuldade consiste realmente não só em sentir e distinguir os movimentos do animal, mas em saber aproveitar o pequeno espaço de tempo que medeia entre as duas batidas de cada passo de trote. O movimento alternado das espaduas, que ao trote successivamente se inclinam para diante e para traz, indicando bem quaes os membros que vão em movimento e aquelles que se apoiam, é de um grande auxilio para levar o cavalleiro a adquirir um perfeito conhecimento dos movimentos do seu cavallo.

Quando por exemplo a ponta da espadua direita se dirige para diante, claro está que a mão d'este lado e o pé opposto em diagonal vão pelo ar e prestes a effectuar o seu apoio, enquanto que o bipede diagonal esquerdo, cuja espadua se inclina para traz, tendo feito a sua batida sobre o terreno começa a suspender-se e a projectar-se. Quando pelo contrario a espadua direita se inclina para traz, o que tem lugar quando a esquerda se adianta, o bipede diagonal direito tocou em terra e o esquerdo vai terminar o movimento. A espadua esquerda, oscillando igualmente de traz para diante e *vice-versa*, indica do mesmo modo quando o bipede diagonal esquerdo se apoia ou vai em movimento. Portanto, como em cada passo de trote as duas espaduas executam estas duas evoluções em sentido inverso uma da outra, não deve restar ao cavalleiro a menor duvida ácerca dos apoios e projecções das quatro pernas do animal.

Para mais facilmente se adquirir o tacto ou sensação dos movimentos de um cavallo a trote, é preciso não só observar os movimentos das espaduas, mas contar alto ou mentalmente: *um*, ao elevar-se uma pessoa sobre os estribos quando, por exemplo, a mão direita bate em terra; *dois*, ao baixar sobre o sellim no momento em que a mão esquerda se apoia. Só procedendo-se d'este modo é que se consegue adquirir o verdadeiro tacto, mórmente se de quando em quando e sem deixar de contar *um*, *dois*, *um dois*, etc., se não se fizer caso das espaduas, para vér se pelo ouvido e pela attenção concentrada se vai apreciando e distinguindo as dif-

ferentes sensações, que nos communica o movimento do animal.

Este processo, ainda que o não pareça, dá os mais satisfatórios resultados, pois vai pouco a pouco transmittindo a todo o corpo do cavalleiro, o verdadeiro sentimento das evoluções das quatro pernas do cavallo, e por fórma que a breve espaço qualquer pessoa se apercebe sobre que bipede vai trotando. É claro que, de quando em quando, é preciso verificar, olhando para as espaldas, se a contagem dá certa, isto é, se o numero *um* coincide com o movimento ascensional sobre os estribos no momento em que um dos bipedes — aquelle sobre que se começou — bate em terra, e o numero *dois* coincide igualmente com o apoio do outro bipede durante o qual se dá o encontro momentaneo entre o sellim e o assento do cavalleiro.

Quando um cavallo disputa ao trote uma corrida longa, ou faz um serviço aturado n'este andamento, é indispensavel que o trote alternadamente sobre um e outro bipede, e tanto mais repetidas vezes, quanto maior fôr a distancia que tiver de percorrer. Quem se não importar com esta regra, ou não tiver d'ella conhecimento, não só fatigará inutilmente o animal e lhe fará perder a velocidade, mas arruinar-lhe-ha sempre muito mais o bipede que fôr exclusivamente carregado.

Com o cavallo que é trotado á ingleza sobre a mesma mão e o mesmo pé dá-se exactamente o mesmo que se dá com o viandante, que durante alguns kilometros tenta levar n'uma só mão a sua mala de viagem. Este homem ou não chega ao fim da caminhada sem ter descansado algumas vezes, perdendo por isso tempo e terreno, ou, se chega, ficará cansado a ponto de nada poder fazer; ao passo que, se supesasse de quando em quando a sua mala com uma e outra mão, nenhuma difficuldade encontraria em andar o dobro do caminho.

Ninguem por certo porá em duvida a veracidade d'este facto, e applicando-o, portanto, por uma verdadeira analogia ao cavallo que é montado á ingleza, não se poderá deixar de concordar que é da maior necessidade mudar frequentes vezes do trote sobre a mão direita para o trote sobre a mão esquerda e *vice-versa*.

Para mudar, por exemplo, do trote sobre o bipede diagonal direito para o bipede diagonal esquerdo, sem que haja necessidade de parar o animal, não tem o cavalleiro mais do

que deixar-se ficar sentado no sellim logo em seguida á batida da mão direita até sentir, como no trote vulgar, o choque produzido pela batida da mão esquerda e perna opposta, levantando-se immediatamente sobre os estribos ao novo apoio da mão direita. Para voltar a trotar sobre o bipede diagonal direito, não tem o cavalleiro mais do que applicar os meios inversos.

Como se vê, se alguma difficuldade ha, que se torna mais apparente do que real, consiste ella em se aproveitar a occasião de se ficar sentado no sellim logo depois da primeira batida e durante a seguinte, que para mudar do trote á direita para o trote á esquerda são: 1.<sup>a</sup> batida da mão direita; 2.<sup>a</sup> batida da mão esquerda, levantando-se uma pessoa sobre os estribos immediatamente depois que a mão direita e o pé esquerdo se apoiarem.

Para maior comprehensão poderemos marcar tres tempos em cada passagem, e suppondo ainda que temos de passar do trote sobre a mão direita para o trote sobre a mão esquerda, deveremos contar *um*, quando, ao apoio da mão esquerda, nos lavantarmos sobre os estribos, *dois* quando baixamos sobre o sellim á batida da mão direita, e *tres* ao soffrermos sentados o choque do sellim produzido pelo apoio do bipede diagonal esquerdo, ora voltando immediatamente a contar *um* e levantando-nos sobre os estribos — o que tem logar á batida do bipede diagonal direito — temos infallivelmente passado a trotar sobre o bipede diagonal esquerdo. Para se voltar a trotar sobre o bipede diagonal direito, empregam-se os meios inversos.

Poderá á primeira vista parecer pouco provavel que por uma tão simples passagem do trote á ingleza para o trote fixo ou á portugueza, se assim o quizerem denominar, se possa desencontrar o movimento do cavalleiro com o do cavallo, de fórma que, sem a mais pequena parada e sem quebra de cadencia, se effectue a mudança do trote á direita para o trote á esquerda e *vice-versa*. A verdade é porém que nenhuma difficuldade se apresenta quando as passagens se executam a tempo e com a devida regularidade.

A melhor posição para se montar um cavallo a trote á ingleza é aquella em que o cavalleiro apoiando-se nos estribos, que todavia devem andar mais curtos que de ordinario, se levanta do sellim n'uma direcção um quasi nada inclinada para diante, de maneira que a sua linha de gravitação não deixe de passar pela linha imaginaria que vai de um estribo ao outro.

As mãos de unhas a baixo, proximas uma da outra e n'uma altura conveniente da cernelha do animal, regularão por meio das redeas do *pelham* ou bridão o andamento, que deve ser largo, franco e compassado <sup>1</sup>.

As pernas cahindo à prumo do joelho para baixo unir-se-hão quanto possível às abas do sellim. Toda e qualquer posição que não seja esta, além de prejudicar a regularidade do andamento, dá ao cavalleiro um certo ar de ridiculo e desastrado que por todos os modos se deve evitar.

Antes de passarmos a vêr como se devem preparar os cavallos trotadores, sempre diremos que as corridas a trote se não fazem á toa, e, ao contrario, tem leis e regras cuja infracção importa a desqualificação do trotador. Além das regras geraes, que são communs a todas as especies de corridas, têm as luctas de que nos occupamos prescripções especiaes. Uma d'ellas, por exemplo, consiste em fazer parar o cavallo, obrigando-o a dar uma volta completa no mesmo terreno, todas as vezes que por ardencia ou por impericia do cavalleiro quebra o trote, isto é, passa para o galope. Em alguns *clubs* onde se não é tão exigente, basta apenas que o animal, que passa para o galope, pare e parta immediatamente a trote. Para os cavallos que disputam estas corridas engatados a trens de duas rodas, que são os preferiveis pela sua leveza e que se denominam *sulkys*, apenas consiste em os fazer parar e recuar alguns decimetros immediatamente que toam o galope.

Para bem se avaliar da regularidade ou irregularidade com que os trotadores luctam n'esta especie de corridas, é costume nomear-se um numero de commissarios igual ao numero de cavallos, de fórma que cada observador possa verificar, com a ajuda do seu binoculo, se o cavallo que lhe foi destinado faltou ás condições exigidas.

---

<sup>1</sup> Na Allemanha ensina-se o trote chamado á ingleza de uma maneira muito differente, e se não dá ao cavallo maior velocidade torna talvez o cavalleiro mais seguro e mais elegante. Em lugar do cavalleiro se inclinar para diante, de se levantar do sellim e de se firmar nos estribos um pouco curtos, toma pela escola allemã a posição vertical, deixa-se levar pelos movimentos do cavallo, firma-se ligeiramente nos estribos um pouco compridos, afasta os cotovêlos do corpo e apoia os antebraços contra o ventre. Quanto aos movimentos do corpo, só os da cintura para baixo, uma especie de flexão de rins a cada passo de trote, é que lhe são permittidos.

### Preparação dos trotadores

As corridas a trote exigem já não diremos uma tão rude preparação como as corridas planas a galope, mas um exercicio prudente e progressivo que tonifique e torne resistente o organismo do cavallo, de fórma que, sem se arruinar, possa augmentar a violencia do trote levado ao ultimo extremo e durante alguns kilometros.

Para se levar um cavallo trotador a este estado, e quer tenha de entrar em lucta contra um ou mais competidores, quer tenha de correr só ou contra o tempo, como em linguagem do *turf* se costuma dizer, é primeiro que tudo necessario conhecer não só a sua natureza e condições de robustez em que se encontra, mas a extensão da corrida em que tiver de tomar parte.

Se a corrida fôr curta, de dois ou tres kilometros por exemplo, e se o animal se apresentar são e vigoroso, não ha necessidade de prolongar a preparação nem de a levar a um grão de apuro, como quando a lucta tiver o duplo ou o triplo d'aquella que apresentamos. Um mez pouco mais ou menos de um trabalho diario a passo, em que o animal gaste uma hora de manhã outra de tarde, e dois ou tres dias de trote por semana durante os primeiros tempos da preparação, parece-nos ser o sufficiente para dar a necessaria *condição* para estas luctas. No trabalho da ultima semana, exceptuando a vespera da corrida, que será exclusivamente reservada para os passeios a passo de manhã e de tarde, deve o animal não só fazer mais exercicio a passo, mas trotar todos os dias, pelo menos uma vez, sobre um terreno que aproximadamente tiver a distancia da pista official.

Quando um cavallo não tiver perdido, apesar dos exercicios, uma parte da gordura que o sobrecarrega inutilmente e lhe prende os movimentos, será conveniente fazel-o suar uma ou duas vezes, de modo que o ultimo suadouro seja dado cinco ou seis dias antes da corrida. Um purgante leve é tambem ás vezes proveitoso quando seja administrado opportunamente <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Quando fallámos da preparação para as corridas a galope, já então tivemos occasião de dizer como se devem dar os suadouros e purgantes aos cavallos que d'elles necessitam e quaes os cuidados que demandam, por isso o leitor alli encontrará, e á falta de melhor, o que em taes casos convirá observar.

Pelo que respeita ao alimento, que como para as corridas a galope igualmente se compõe de aveia, algumas favas e cenouras, será dado tres vezes ao dia e em quantidade correspondente ao appetite do animal.

Os melhores terrenos para se prepararem os cavallos trotadores não são por certo as pistas arrelvadas nem tão pouco as estradas duras. Estas, pela continuação dos exercicios a trote, pisam e arruinam as quatro pernas dos animaes e aquellas não lhes deixam alargar o andamento nem desenvolver a maxima velocidade. Os lados das estradas macadamizadas, isto é, proximo ás valetas, que geralmente não têm cascalho, são os terrenos que se devem preferir quando estejam desobstruidos e sejam horisontaes quanto possivel.

Para se preparar um trotador, para corridas de maiores distancias, o que ha a fazer é prolongar a preparação, submettendo o animal ao regimen de que vimos fallando com bastante antecipação do dia da corrida. Com dois ou tres mezes de um regimen prudente e progressivo já se pôde fazer de um cavallo apropriado para estas luctas um trotador de primeira ordem. O essencial é não levar o animal a desenvolver o maximo da sua velocidade senão muito gradualmente, pois do contrario pôde arruinar-se ou ultrapassar a *condição*, o que succede frequentemente quando os cavallos são preparados por pessoas inexperientes.

Como para as corridas a galope, o passo constituirá igualmente a base da preparação racional do cavallo trotador.

Pelo que respeita á preparação dos cavallos destinados a disputar estas corridas engatados, o mais pratico, e segundo a opinião de pessoas competentes, consiste em os amestrar primeiro a um trem de duas rodas, dando-lhe o resto da preparação a cavallo como se tivessem de correr montados. Ainda assim não deixará de ser prudente que uma vez por outra, especialmente na proximidade das corridas, se lhes dê algum exercicio ao trem, pois melhor se confirmarão na sua preparação.

Como já tivemos occasião de dizer, os trens mais apropriados para um cavallo poder disputar estas corridas são os *sulkys*, que são extremamente leves, não chegando alguns a pesar mais de 10 kilos, com especialidade os *sulkys* americanos, que dizem ser superiores aos inglezes.

Quantos aos arreios, costumam ser de couro do mais fino e flexivel, devendo a colleira ser substituida por um peitoral

que tem sobre aquella a vantagem de não prender os movimentos das espaduas. Em alguns paizes da America do Norte o *bocado* do bridão costuma ser de couro ou de borracha, e o facto é que os cavallos dão-se admiravelmente bem com esta embocadura.

Se não somos mais extensos sobre esta parte do *turf*, cuja importancia não desconhecemos, quer-nos todavia parecer que o que fica dito dará uma idéa dos processos a empregar para preparar os cavallos trotadores.

Guimarães.

J. MARTINS DE QUEIROZ.